XIV de Setembro
(1911)

ooo

Stoicismo Divino

por

Joaquim de Araujo.

o

Carta ao autor

por

Theophilo Braga.

o

Editor: Visconde de Faria.

Impresso em cincoenta exemplares, fóra do commercio.

ooo

Augsburg 1912.

J.P. HIMMER AUGSBURG

4/ 15-5-49
COMPRA
R. 188580

Stoicismo Divino

Ao Sr. Theophilo Braga —, amigo de tantos annos, mestre de sempre. —

Que deserto! Dois filhos immolados
Nas mãos geladas da **C**eifeira escura,
Guiando-se, um ao outro, á sepultura,
No alvorecer de sonhos incantados!

—

E da lança da **D**ôr atravessados,
Os paes, unidos na afeição mais pura,
Acorrentados pela desventura,
Olhavam-se, no vácuo, hallucinados . . .

—

Mas o **D**eserto é bem maior agora:
— Cae no abismo da **M**orte a companheira
Do ingente sabio, que a encontrou na aurora

—

Da **M**ocidade, como guia e exemplo . . .
E **E**lle, evocando a sua vida inteira,
Sente-se um stoico —, no Universo, um templo . . .

11 outubro, Genova 1911. Joaquim de Araujo.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Lisboa, 17 de outubro de 1911.

Bom amigo Joaquim de Araujo:

Não sei com que palavras agradecer as suas consoladoras cartas, no meio de mais este descarrilamento da minha vida. Sentir uma piedade, ainda que de longe, é um grande alento para não succumbir; e quando essas palavras fixam uma emoção na forma bella da Arte, como é a do seu soneto **Stoicismo divino,** sente-se o alivio de que essa dôr se prolongará na condolencia dos outros. — Conservarei o soneto, sumamente bello pelo seu realismo, poisque é um documento altamente expressivo. — Aqui estou sósinho na mesma casa, e na mesma forma de viver, mas cerca-me o vacuo. De ha muito tempo ia minha mulher decahindo physica e intellectualmente; os medicos diagnosticavam uma neurasthenia banal, que eu ia combatendo, fortificando-lhe a vontade. Mas, no meu intimo, pela observação das ideias e movimento, ia reconhecendo as manifestações de amollecimento cerebral. Preparava-me para acompanhar esta lenta decadencia, sem pensar que tomasse tão rapidamente a fórma aguda; custava-me muito

o vel'a desinteressar-se de tudo em volta de si; já não dirigia a casa, não comprehendia as coisas e afligia-se pelo seu esquecimento. — Quando menos se esperava, veiu-lhe uma congestão do figado, e dahi um desmoronamento rapido. No momento do ataque, eu vi logo pela physionomia, pelos suores do rosto e apasiguamento dos olhos, que era a morte. Ao fim do tratamento de alguns dias, disse-me o medico que nada havia mais a fazer e que restava a infermagem. Pela infermagem consegui prolongar-lhe a vida desde Maio até 14 de setembro e para que? Para vel'a perder a consciencia, a inteligencia, os movimentos, as formas de mulher, secando-se com um emagrecimento, que lhe alterava a physionomia. — Já nada restava daquella criatura da alegre mocidade; e esta forma de morte é mais terrivel para quem sobrevive. Já não me conhecia, e não falava nas ultimas horas, no largo paroxismo da quarta-feira para a quinta. — Assisti-lhe a todos estes momentos, e vi o afundar-se e apagar-se do seu ultimo alento: um combate, como de um remador que luta contra a ressaca, e, cansado, pára e recúa cada vês mais. — Depois, chega-se a comprehender, neste esforço de arrancamento, que a morte é um descanço. — Senti isto no seu ultimo gesto. Depois vi um quadro para mim novo: a physionomia pacificou-se,

e tomou o aspecto suave de uma outra época minha conhecida. — Até as creadas, que velaram comigo junto della, não quizeram que tivesse o rosto cuberto, porque o seu aspecto natural e seu conhecido não lhes infundia medo. Emfim, querido amigo, volto a ser o antigo estudante solitario. Amei, fiz a minha familia, trabalhei para ella, e, nesta trajectoria da vida, perdi os filhos, agora a esposa —, e acórdo de um sonho, de um idilio, de uma tragedia, de um naufragio, de quarenta e três annos. Valeu a pena? Anthero diria que não; eu acho que foi uma revelação da vida equilibrada entre duras realidades e altos ideaes. E já é uma grande coisa poder dizer: — **Vivi!**

Um abraço do

Seu amigo

Theophilo Braga.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Lei
15-5-49